



Sinalizadores para uma Análise Global dos Processos Jornalísticos¹

Vilso Junior Chierentin SANTI²

Márcia Franz AMARAL³

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS.

RESUMO: O presente artigo trata dos Estudos Culturais e de sua configuração, do Circuito da Cultura e de sua aproximação com o Circuito das Notícias, numa tentativa de abordagem integral e integradora, que reivindica uma visão global sobre os processos jornalísticos sustentada na idéia de integração entre produção, texto/ discursos e leituras. O trabalho busca sinalizadores capazes de balizar a incursão no campo da comunicação e do jornalismo e parte das contribuições teórico-metodológicas dos Estudos Culturais Britânicos, em especial dos postulados de Richard Johnson (1999) no que se refere ao “Circuito da Cultura”, para entender e/ou explicar a dinâmica da cultura, dos produtos culturais, e suas intersecções com a prática jornalística.

PALAVRAS-CHAVE: Teorias do jornalismo; Processos jornalísticos; Circuito das notícias; Metodologia de pesquisa em jornalismo; Estudos culturais.

Introdução

Procurando marcadores capazes de guiar nossa incursão acadêmica pelo universo da comunicação, mais especificamente pelo campo do jornalismo, lançamos mão, para esse trabalho, de algumas contribuições teórico-metodológicas que indubitavelmente nos acompanharão ao longo desse trajeto.

O objetivo primeiro é aqui apresentar alguns conceitos e/ou idéias sobre a comunicação e a prática jornalística, vinculadas à tradição dos Estudos Culturais, sua origem e desenvolvimento, os quais terão importância basal em nossa tarefa posterior. Depois, assentados nesse paradigma, estruturaremos nossa abordagem arquitetando as considerações acerca da comunicação e do jornalismo através de sua vinculação com a cultura e sua lógica de funcionamento, produção e circulação.

Para tanto, tomaremos de empréstimo o modelo concebido por Johnson (1999) a fim explicar a dinâmica da cultura e dos produtos culturais e o transportaremos, através de um exercício teórico, para o campo jornalístico. Visto de outra forma, buscaremos analisar o jornalismo, como resultante e resultado de um processo de construção cultural via notícias, dentro dessa sistêmica lógica.

¹ Trabalho apresentado no NP Jornalismo do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação;

² Mestrando em Comunicação Social pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), área de concentração Comunicação Midiática, linha de pesquisa Mídia e Identidades Contemporâneas – e-mail: vjrsanti@yahoo.com.br;

³ Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), docente do mestrado em Comunicação Midiática, da graduação em Jornalismo e tutora do Programa de Educação Tutorial (PET) do Curso de Comunicação Social na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – e-mail: marciafamaral@uol.com.br;



Ao lançarmos mão do “Circuito da Cultura” proposto por Johnson (1999), daquilo que Strelow (2007) chamou de “Análise Global dos Processos Jornalísticos” e/ou do “Protocolo Analítico de Integração da Produção e da Recepção” de Escosteguy (2007) tentaremos despertar a atenção, primeiro à necessidade depois à possibilidade, de combinação entre diferentes técnicas de pesquisa social em comunicação, o que potencialmente pode resultar em estudos que busquem contemplar juntos, e da forma mais integral possível, os principais momentos do processo jornalístico (produção – textos/ discursos – leituras) e seus reflexos nas culturas vividas e nas relações sociais.

Os estudos culturais e sua configuração

A Inglaterra, todos sabemos, não produziu e/ou ofereceu ao mundo apenas a Revolução Industrial. Grandes correntes de pensamento, ligadas ao desenvolvimento do saber, também foram gestadas nos domínios britânicos. Uma dessas correntes foram, sem dúvidas, os chamados Estudos Culturais.

Os Estudos Culturais Britânicos surgem no final dos anos de 1950 vinculados ao CCCS (Centro de Estudos Culturais Contemporâneos) da Universidade de Birmingham na Inglaterra. Desde o seu nascimento eles foram pautados pela transdisciplinariedade e fortemente influenciados pelo estruturalismo e pela semiologia materialista. A escola teve seus pressupostos firmados pelos pesquisadores Richard Hoggart, Raymond Willians, Edward Palmer Thompson e, posteriormente, Stuart Hall.

A mercantilização da cultura, bem como a aceleração da organização capitalista dentro do universo cultural, facilitada pela atuação progressiva dos meios de comunicação, está entre os principais fatores que contribuíram para a formação dos Estudos Culturais como linha de pesquisa e análise em seu nascedouro. Desde então, a corrente tem se caracterizado, principalmente por vincular suas análises às realidades históricas locais, pela variedade de objetos que estuda e analisa e por sua interdisciplinaridade. “Aquele que realiza Estudos Culturais fala a partir de interseções,” ressalta García Canclini (1995, p.27).

Nessa breve linha histórico-temporal fica claro, conforme os postulados dos Estudos Culturais, que a cultura não pode ser apreendida como um todo. De acordo com Johnson (1999, p.19) para entendê-la precisamos de uma estratégia particular de definição. Uma estratégia capaz de revisar as abordagens existentes que, além de identificar seus objetos característicos e a abrangência de sua competência, também



mostre as suas falhas e os seus limites. Na verdade, diz ele, “não é de uma definição ou de uma codificação que precisamos, mas de ‘sinalizadores’ de novas transformações”.

Com essa finalidade, análises e comparações de problemáticas teóricas podem ser componentes essenciais para uma boa análise cultural. Segundo Johnson (1999, p.23), porém, “sua dificuldade principal é que as formas abstratas de discurso desvinculam as idéias das complexidades sociais que as produziram ou às quais elas, originalmente, se referiam”.

Em Johnson, portanto, o termo ‘cultura’ tem valor apenas como um lembrete, não como uma categoria precisa. Conforme ele falar de cultura é falar de polissemia. Por isso, na tentativa de emprestar maior precisão ao fenômeno cultural, Johnson (1999, p.25) prefere falar da relação entre ‘consciência’ e ‘subjetividade’ para melhor defini-la. Para o autor os problemas centrais dos Estudos Culturais estão situados nalgum ponto entre esses dois termos:

Para mim, os Estudos Culturais dizem respeito às formas históricas da consciência ou da subjetividade, ou às formas subjetivas pelas quais nós vivemos ou, ainda, em uma síntese bastante perigosa, talvez uma redução, os Estudos Culturais dizem respeito ao lado subjetivo das relações sociais.

Assim, conforme o autor, as abstrações simples que têm sido usadas até o momento não podem nos levar muito longe. Em acordo com sua definição de cultura Johnson (1999), não mais limita o campo cultural a práticas especializadas, a gêneros particulares ou a atividades populares de lazer. Segundo ele, todas as práticas sociais podem ser examinadas de um ponto de vista cultural, ou seja, podem e devem ser examinadas pelo trabalho que elas fazem subjetivamente. O que vale também para jornalismo e seus modos de produção, operação e consumo.

O circuito da cultura e o circuito das notícias

Com vistas a explicar a complexificação das questões socioculturais, bem como suas ricas categorias intermediárias, Johnson (1999, p.31-32) propõe um modelo de análise bem mais estratificado do que as teorias gerais existentes. Um modelo que, idealmente, ambiciona ver os diferentes lados de um mesmo e complexo processo.

Para tanto, faz-se necessária à descrição, ao menos provisória, dos diferentes aspectos ou momentos dos processos culturais, aos quais poderiam ser relacionadas diferentes problemáticas teóricas – como a do circuito das notícias, por exemplo. O resultado desse exercício é, porém, um modelo não acabado, mas “um guia que aponta

para as orientações desejáveis de abordagens futuras ou de que forma elas poderiam ser modificadas ou combinadas” (Johnson, 1999, p.33).

A fim de melhorar o entendimento de sua proposta Johnson (1999, p.33) procura apresentar seu modelo de forma diagramática (*Figura 1*). O diagrama, segundo ele:

Tem por objetivo representar o circuito da produção, circulação e consumo dos produtos culturais. Cada quadro representa um momento nesse circuito. Cada momento depende dos outros e é indispensável para o todo. Cada um deles, entretanto, é distinto e envolve mudanças características de forma. Segue-se que se estamos colocados em um ponto do circuito, não vemos, necessariamente, o que está acontecendo nos outros. As formas que tem mais importância para nós, em um determinado ponto, podem parecer bastante diferentes para outras pessoas, localizadas em outro ponto.

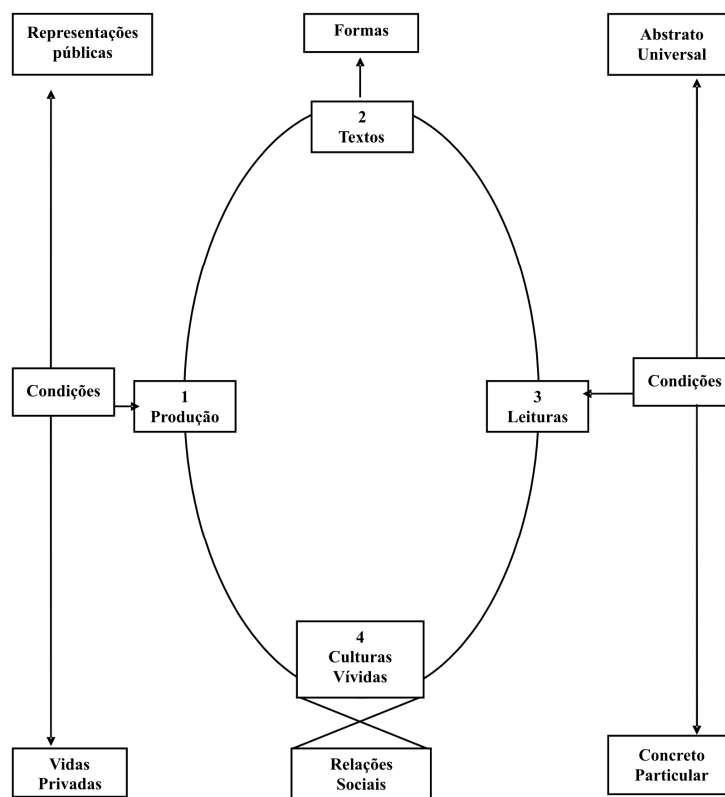


Figura 1 – Diagrama do circuito da produção, circulação e consumo dos produtos culturais (Johnson, 1999, p.35).

Esse diagrama proposto por Johnson (1999, p.34) baseia-se, em sua forma geral, numa leitura da descrição que Marx fez do circuito do capital e suas metamorfoses, onde, os processos sempre acabam por desaparecer nos produtos. Para Johnson:

Todos os produtos culturais, por exemplo, exigem ser produzidos, mas as condições de sua produção não podem ser inferidas simplesmente examinando-os como ‘textos’. De forma similar, os produtos culturais não são ‘lidos’ apenas por analistas profissionais, mas pelo público em geral. Por isso, nós não podemos prever essas leituras a partir de nossa própria análise ou, na verdade, a partir das condições de produção.

Johnson (1999, p.34) alerta ainda, que devido à circularidade do sistema as comunicações tendem a ser transformadas ao longo de seu percurso, principalmente em seu caminho de retorno. Segundo ele, para compreender adequadamente essas transformações, temos de compreender “as condições específicas do consumo e da leitura”, estas por sua vez incluem as “simetrias de recursos e de poder” tanto materiais quanto culturais.

Também acabam por incluir os elementos culturais já ativos no interior de contextos particulares, as culturas vividas, e as relações sociais das quais essas combinações dependem. “Esses reservatórios de discursos e significados constituem, por sua vez, material bruto para uma nova produção cultural. Eles estão na verdade entre as condições especificamente culturais de produção” (Johnson, 1999, p.34).

Outro ponto importante assinalado por Johnson (1999, p.35) diz respeito ao fato de que em nossas sociedades, muitas formas de produção cultural assumem também a forma de mercadorias capitalistas. Assim sendo, conforme o autor, temos de prever tanto condições especificamente capitalistas de produção, quanto condições especificamente capitalistas de consumo. “É por isso que nesses casos o circuito é a um só tempo, um circuito de capital e um circuito de produção e circulação de formas subjetivas”.

Dessa forma, será pelas notícias que poderemos viabilizar aquela aproximação antes proposta – do circuito da cultura para com o jornalismo. Notícias como mercadorias que carregam uma acumulação particularmente rica de significados. Isso, conforme Johnson (1999), levanta questões interessantes sobre o que constitui o texto e evidencia que nunca será suficiente analisar apenas o “design” das notícias e suas formas exteriores, como vem ocorrendo em muitas abordagens.

Portanto, aqui tomaremos de empréstimo o “Circuito da Cultura” proposto por Johnson (1999) a fim de operacionalizar aquilo que Strelow (2007) convencionou chamar de “Análise Global dos Processos Jornalísticos” e/ou que Escosteguy (2007) qualificou como um novo e necessário “Protocolo Analítico de Integração da Produção e da Recepção”.

Assim sendo, o Circuito da Cultura proposto por Johnson (1999) será apropriado como basilar para o entendimento da notícia enquanto produto/ produtora de cultura, a



qual, acaba percorrendo todo o circuito e perpassando, através das disputas em torno da construção imagética do real, ou seja, das representações, as instâncias de produção circulação e consumo dos bens culturais.

A análise global dos processos jornalísticos

Neste ensaio procuramos propor uma estratégia de investigação que possibilite a análise de cada uma das etapas apresentadas por Johnson (1999) em seu circuito, destacando o inter-relacionamento das mesmas, à luz dos estudos de jornalismo. Visto de outro modo, buscamos apresentar uma matriz aplicável aos estudos de jornalismo, que tem como diretriz o circuito comunicacional ou o circuito das notícias, analisando os momentos desse processo e seus pontos de intersecção com as teorias e conceitos da área de comunicação. Este olhar global sobre os produtos jornalísticos, tem como premissa colocar em perspectiva conceitos e inferências que ficariam prejudicados se ancorados em um único ponto do circuito.

A “Análise Global de Processos Jornalísticos” (AGPJ), segundo Strelow (2007), é uma metodologia de pesquisa que permite o emprego de diferentes técnicas – desde que voltadas à verificação da produção, do texto, da leitura e das relações sociais – no estudo de um objeto jornalístico em específico. Ela compreende quatro momentos: 1) análise sócio-histórico-cultural; 2) análise de produção; 3) análise de textos; 4) análise de leituras e retornos. Embora esses momentos não sejam estanques e não obedeçam a uma seqüência rígida, podemos, para fins de sistematização, analisá-los em separado o que possibilita um melhor entendimento de suas peculiaridades. No entanto, é necessário ter em mente os entrecruzamentos que acompanham esse processo que é contínuo e sem limites definidos.

Cabe enfatizar, como aponta Johnson (1999, p.106) que o circuito não foi apresentado como uma descrição adequada dos processos culturais ou mesmo de formas culturais elementares; não se trata de um conjunto completo de abstrações em relação a qual toda a abordagem parcial possa ser julgada; e não constitui, também, uma estratégia adequada para o futuro se for tomado como a adição dos três grandes conjuntos de abordagens – produção, texto e recepção – usando-as cada uma em seu respectivo momento. “Isso não funcionaria sem que houvesse transformações em cada abordagem e talvez em nosso pensamento sobre momentos”. Diz ele:



É importante reconhecer que cada aspecto tem uma vida própria a fim de evitar reduções, mas, depois disso, pode ser mais transformativo repensar cada momento a luz dos outros, importando – para outro momento – objetos e métodos de estudo comumente desenvolvidos em relação a um determinado momento (Johnson, 1999, p.106).

1) A análise contextual sócio-histórica

Na Análise Global dos Processos Jornalísticos, seguindo à proposição de Strelow (2007), adicionamos ao diagrama proposto por Johnson (1999) uma contextualização sócio-histórico-cultural na qual nosso objeto de estudo possa estar inserido. Entendemos que agregar tal contexto é fundamental para a compreensão dos processos comunicacionais que se estabelecem, bem como as suas realidades de produção e de leitura.

Tal agregação parece particularmente importante quando se procura estudar, por exemplo, a relação entre periódicos impressos representantes do campo do jornalismo e por conseqüência do campo das mídias; e atores, organizações ou movimentos sociais integrantes do campo político. Assim, pode ser necessário retomar a história de ambos os agentes e seus campos de atuação, bem como, a própria teoria dos campos sociais a fim de posicioná-los nesse universo palco de sua atuação. Neste momento a aplicação de técnicas como pesquisas bibliográficas, consulta a documentos e diferentes tipos de entrevistas pode ser fundamental.

A noção de campo, emprestada de Bourdieu, vem ao encontro da necessidade de relacionar o lugar da produção social com o lugar da produção simbólica. Para o autor (1990, p.171),

[...] com a noção de campo obtém-se para apreender a particularidade na generalidade, a generalidade na particularidade. Pode-se exigir da monografia mais ideográfica proposições gerais sobre o funcionamento dos campos, hipóteses muito poderosas sobre o funcionamento de um estágio particular de um campo particular. É esta concepção que justifica a apropriação para nosso estudo da relação entre o campo político e o campo do jornalismo.

O território de um campo vai se constituir a partir da existência de um capital e se organizar na medida em que seus componentes têm um interesse irredutível e lutam por ele. Capital, conceito chave no modelo proposto por Bourdieu, só é definível a partir do campo. Na descrição do autor acerca dos capitais, aparece um em especial – o capital simbólico – como superior aos demais, por dar sentido ao mundo e transitar por todos os campos.



Conforme Bourdieu (1989, p.14) o poder simbólico, ligado ao capital de mesma ordem, refere-se ao poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer crer e de fazer ver, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo. Ele é um poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização. O mesmo só se exerce se for reconhecido, quer dizer, se for ignorado/ tomado como arbitrário.

2) *A produção e a publicação das notícias*

O primeiro momento do processo jornalístico no circuito comunicacional proposto por Johnson (1999) é a produção. Trata-se do momento da construção da notícia, do produto jornalístico em si, e de tudo o que está envolvido neste trabalho, ou seja, das próprias condições de produção. O autor aponta como definidores principais dessas condições as representações públicas e a vida privada dos agentes envolvidos nesse processo, no caso, dos jornalistas.

Assim como fez Strelow (2007) podemos adotar, para a análise deste ponto do circuito, o paradigma do *Newsmaking* – uma hipótese contemporânea de pesquisa em comunicação que se debruça sobre as rotinas de produção no jornalismo. O *Newsmaking*, segundo Hohlfeldt (2001), está ligado à sociologia do jornalismo e tem ênfase na produção de informações, ou melhor, na potencial transformação dos acontecimentos cotidianos em notícia. O olhar dessa hipótese é centrado no emissor, visto como intermediário entre o acontecimento e a notícia, e dá atenção ao relacionamento entre jornalistas e fontes, assim como às diferentes etapas de produção: captação, tratamento, edição e distribuição da informação.

A abordagem do *Newsmaking* articula-se, principalmente, dentro de dois limites: a cultura profissional dos jornalistas e a organização do trabalho e dos seus processos produtivos. De acordo com Wolf (2001, p.188), são as conexões e as relações existentes entre os dois aspectos que constituem o ponto central deste tipo de pesquisa. Através desta análise faz-se possível também compreender as culturas vividas e as relações sociais que se estabelecem, neste momento do circuito, e que o ligam aos demais.

Mas não é só isso, precisamos também deslindar o lugar de produção dos acontecimentos e não somente o lugar de produção das notícias. Já que, como aponta



Bourdieu (1989, p.23), faz parte do dever do jornalista preencher sua obra com significações aparentemente opostas. Pois, para o autor, ao mesmo tempo em que o profissional satisfaz um compromisso realista, que carrega um valor de atestação, ele vale-se inegavelmente do simbolismo.

Ainda segundo o autor, se o enquadramento jornalístico seleciona os objetos, o que é correto, ele também elimina tudo aquilo que não diz respeito à significação pretendida em seu uso. Pois a notícia tem um sentido no contexto histórico, que pode evocar uma força performativa que varia também na história, isto é, atualiza-se de acordo com a posição ocupada pelo agente que a lê e o sistema simbólico de referência.

Dessa forma, conforme Miranda (2000, p.168), para constituir as notícias em um objeto autônomo de estudo, precisamos considerá-la como obra da cultura e operar-lhe o sistema das normas que presidem a sua fabricação. Assim junto com a análise de conteúdo das notícias, que tem valor documental e que pode esclarecer acerca de certos aspectos da vida social, devemos buscar uma análise estrutural das significações nas notícias a fim de possibilitar o reconhecimento das normas específicas e explicitamente conhecidas como normas pelos profissionais de imprensa.

Portanto, naturalmente, devemos examinar as formas culturais do ponto de vista da produção. Não podemos esquecer que essa análise deve incluir as condições e os meios de produção, especialmente em seus aspectos subjetivos e culturais. “Em minha opinião, devemos incluir descrições e análises também do momento real da própria produção – o trabalho de produção e seus aspectos subjetivos e objetivos. Não podemos estar perpetuamente discutindo as condições, sem nunca discutir os atos”, enfatiza Johnson (1999, p.63).

3) O texto e seu descentramento

A análise dos textos no circuito comunicativo de Johnson (1999) corresponde, na AGPJ, ao estudo do conteúdo ou do discurso jornalístico. Descoladas de uma pesquisa mais ampla, estas técnicas costumam apontar para resultados parciais e, por vezes, incompletos, do objeto analisado. No entanto, quando cruzadas com outros olhares e combinadas com outras ferramentas, elas contribuem para a compreensão do jornalismo, especialmente porque permitem a observação do produto final que será consumido pelos leitores, o texto, seja ele verbal ou não.

Ao mesmo tempo, não podemos deixar de admitir que um estudo que pretende se basear numa conjuntura histórica e sazonal, deve ter como premissa a crença que o contexto é crucial na produção de significado. Assim, de forma mais geral, precisamos “descentrar o texto” como um objeto de estudo. Ou seja, o texto não pode mais ser estudado por ele próprio, nem pelos efeitos sociais que se pensa que ele produz, mas, em vez disso, pelas “formas subjetivas ou culturais que ele efetiva e torna disponíveis” (Johnson, 1999, p.75).

Diferentes técnicas podem ser empregadas neste momento, dentre elas: análise de discurso, de conteúdo, estudos semiológicos, de lingüística, etc. Tomamos, porém, para este recorte teórico-metodológico os recursos da análise do discurso. Como trata da prática da linguagem, da construção de sentidos através da língua, a análise do discurso permite um mergulho no funcionamento do texto jornalístico, do qual se depreendem características do autor do texto, do contexto no qual ele foi escrito e, mesmo, do leitor imaginado da referida mensagem (Orlandi, 2001, p.15).

Dessa forma, ao invés da mensagem, o que se propõe é pensar o discurso (Orlandi, 2001, p.21). “Não se trata de transmissão da informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação”. O “discurso é o efeito de sentidos entre locutores”, aponta a autora.

É dessa forma que sustentamos que análise de discurso oferece um ponto de vista conveniente, pois entende a linguagem não como um simples suporte para a transmissão de informações, mas como o que permite construir e modificar as relações entre os interlocutores, seus enunciados e seus referentes (Maingueneau, 2002, p.20). Nesta medida a linguagem constitui e não descreve aquilo que é por ela representado. Assim, também os discursos não podem ser considerados como objetivos. Efetivamente, eles fornecem apenas representações da realidade baseadas sobre idéias preconcebidas.

O discurso também é uma forma de representar o conhecimento acerca de determinado tópico em determinado momento histórico. O discurso tem a ver com a produção de conhecimento através da língua, mas uma vez que todas as práticas sociais transmitem significados, e os significados moldam e influenciam o que fazemos, todas as práticas tem um aspecto discursivo (Hall, 2003, p.44).



Ainda no plano dos conceitos para se refletir o jornalismo há que se ter presente que: na relação de sentido, todo discurso nasce em outro e aponta para outro; todo processo de produção discursiva é ao mesmo tempo um processo de recepção e que todo o processo de recepção implica, por sua vez, o começo de “uma nova cadeia de construção de significantes ou de semiose” (Berger, 2003, p.25). Assim sendo o discurso jornalístico, ao inscrever o modo de produção da linguagem na produção social geral, permite situar a notícia no interior de uma complexa rede produtiva.

Portanto, o conceito de discurso com o qual convém trabalhar nesta perspectiva é aquele defendido por Orlandi (1996, p.180): de linguagem em interação. Desse ponto de vista, a linguagem é observada em relação às suas condições de produção e o discurso entendido como o lugar onde a relação estabelecida pelos interlocutores, assim como o contexto, são constitutivos da significação do que se diz. Segundo essa perspectiva, embora, de fato, o momento da escrita de um texto e o momento de seu consumo sejam distintos, na escrita já está inscrito o receptor e, na recepção, o receptor interage com o autor do texto. “O texto é o lugar, o centro comum que se faz no processo de interação entre falante e ouvinte, autor e leitor”, diz a pesquisadora.

Na AGPJ, propomos estudar as condições em que se dá a produção do emissor e do receptor, em momentos separados, mas que se encontram em um ponto comum, o texto. Esse contato entre jornalistas e leitores, no entanto, se dá também através de outras instâncias. Quer dizer, embora o texto seja o lugar oficial para esse encontro, o contato se dá também fora dele, e essa interação deve ser observada.

4) A leitura como ato de produção

Na AGPJ, a leitura ou recepção não é um momento isolado do processo comunicativo, mas integra a dinâmica da rede. Todos os momentos do circuito comunicativo estão interligados. A leitura como define Johnson (1999) não é tratada como assimilação, mas, como um ato produtivo. Aliada aos estudos de produção e texto, a investigação nessa linha permite o conveniente desenho do processo comunicacional de um veículo em questão.

Cabe de imediato lembrar que, de acordo com Berger (2003, p.85) os leitores nos textos são sempre leitores na sociedade. Tal assertiva permite através da semiologia pensar uma teoria da produção de sujeitos. Nela, as narrativas ou as imagens sempre



implicam ou constroem uma posição ou posições a partir das quais elas devem ser lidas ou vistas. Nessa ótica, o jornalismo não se limita apenas a nos apresentar um objeto, ele na verdade nos posiciona relativamente a este objeto.

Se acrescentarmos a isso o argumento de que certos tipos de textos naturalizam os meios pelos quais este posicionamento é atingido, podemos fazer uma conexão entre, de um lado, a análise das formas textuais e, de outro, a exploração das intersecções com as subjetividades dos leitores. Para Berger (2003, p.86) isso é possível, mais adequadamente, através das posições de leitura oferecidas em um texto.

A autora ainda argumenta que o objeto legítimo de uma identificação de posições é constituído pelas pressões ou tendências das formas subjetivas, pelas direções nas quais elas nos movem, ou seja, por sua força – uma vez ocupadas às posições. “Mas, passar do leitor no texto para o leitor na sociedade é passar do momento mais abstrato (a análise de formas) para o objeto mais concreto (os leitores reais, tais como eles são constituídos socialmente, historicamente, culturalmente)”, diz Berger (2003, p.87). É por isso que devemos então, tratar a leitura não como recepção ou assimilação, mas como sendo, ela própria, um ato de produção.

Cabe ainda considerar que em nosso dia-a-dia nos deparamos com os textos de uma forma bastante promiscua. Na vida cotidiana os materiais textuais são mais complexos, múltiplos, sobrepostos, coexistentes, justapostos; em uma palavra “intertextuais”. Portanto, se usarmos uma categoria mais ágil como discurso, para indicar elementos que atravessam diferentes textos, podemos dizer que todas as leituras são também “interdiscursivas”. Ou seja, nenhuma forma subjetiva atua, jamais, por conta própria.

Como já dissemos será o contexto quem vai determinar o significado, as transformações ou a saliência de uma forma subjetiva particular, tanto quanto a própria forma. O contexto, porém, inclui não só o contexto das situações imediatas, mas também, o contexto ou a conjuntura histórica mais ampla.

Berger (2003, p.90) ainda alerta: “qualquer análise ficaria incompleta sem alguma atenção ao próprio ato de leitura e sem uma tentativa de teorizar seus produtos” e aponta que uma ausência comum nessas análises é uma tentativa de descrever mais elaboradamente as formas superficiais – os fluxos de fala no interior das narrativas – que são o aspecto mais empiricamente óbvio da subjetividade.

Por isso mesmo ela recomenda uma análise daquilo que chama de “aspectos subjetivos de luta”. Ou seja, uma análise que contemple o “fluxo subjetivo no qual os sujeitos sociais (individuais ou coletivos) produzem narrativas sobre quem eles são como agentes políticos conscientes, isto é, como eles se constituem a si mesmos politicamente” (Berger, 2003, p.94).

Cabe ainda aqui agregar outras contribuições. A visão apresentada por Martín-Barbero (1995, p.40) também parece oportuna no que se refere à leitura e/ou a recepção:

A recepção não é somente uma etapa no interior do processo de comunicação, um momento separável, em termos de disciplina, de metodologia, mas uma espécie de outro lugar, o de rever e repensar o processo inteiro da comunicação. Isto significa uma pesquisa de recepção que leve à explosão do modelo mecânico, que, apesar da era eletrônica, continua sendo o modelo hegemônico dos estudos de comunicação.

A proposta do autor é de um estudo, não dos efeitos dos meios de comunicação na vida das pessoas, mas do que as pessoas fazem com os meios e de qual a sua leitura de todo este processo desde o ponto onde se colocam no circuito.

Para Thompson (2005), a recepção é uma atividade, um tipo de prática pela qual o indivíduo percebe e trabalha o material simbólico que recebe. No processo de recepção, os indivíduos usam as formas simbólicas para suas próprias finalidades, de maneiras extremamente variadas e relativamente ocultadas, uma vez que essas práticas não estão circunscritas a lugares particulares.

Como a produção fixa o conteúdo simbólico em substratos materiais, a recepção o desprende e o liberta para a interferência do tempo. Além disso, os usos que os receptores fazem dos materiais simbólicos podem divergir consideravelmente daqueles (se é que houve) objetivos pensados ou desejados pelos produtores. Mesmo que os indivíduos tenham pequeno ou quase nenhum controle sobre os conteúdos das matérias simbólicas que lhes são oferecidas, eles os podem usar, trabalhar e reelaborar de maneiras totalmente alheias às intenções ou aos objetivos dos produtores.

Conforme o autor, a recepção é um processo situado, porque acontece com indivíduos em determinado contexto sócio-histórico; rotineiro, porque é parte integrante das atividades da vida diária; especializado, porque exige conhecimentos específicos (referentes à técnica, ao conteúdo, etc.); e hermenêutico, pois envolve interpretação, através da qual os produtos adquirem sentido.



Diferentes ferramentas podem ser empregadas para o estudo da leitura: grupos focais, pesquisa participante, pesquisa-ação, entrevista, história oral, etc. Nesta etapa ouvir os leitores pode permitir a inserção, nos limites do possível, nas culturas vividas e nas relações sociais, restritas, ao campo jornalístico e cultural, além de representar também, uma estratégia para entender suas rotinas de leitura.

Considerações finais

Nós, em sintonia com Escosteguy (2007) e assim como Strelow (2007), acreditamos que olhar o jornalismo através das lentes da “Análise Global dos Processos Jornalísticos” e/ou através de um “Protocolo de Análise de Integração da Produção e da Recepção” é comprometer-se com uma visão globalizante dos processos comunicativos. Tal escolha estratégica visa melhor compreender o circuito das notícias em seus principais momentos – produção, textos/discursos, leituras e culturas vividas – além de dedicar especial atenção às relações estabelecidas entre eles e aos desdobramentos daí decorrentes.

Portanto, o presente trabalho consiste primeiro num esforço para formatação de uma proposta teórico-metodológica relativamente nova, híbrida e ainda em construção; depois, pretende colaborar para a difusão de uma particular visão sobre o jornalismo, como objeto de pesquisa científica na área de comunicação, enfocando aquilo que lhe dá vida, ou seja, seus processos.

Embora carregue pretensões sistematizadoras, tal proposta de arranjo metodológico não pretende, de nenhuma forma, apresentar-se como uma receita única e total. Pensamos que a metodologia mais adequada para um determinado trabalho diz respeito não somente ao objeto escolhido e a problemática a ser estudada, mas também, ao perfil do próprio pesquisador, à sua relação com os estudos na área, e, fundamentalmente, às suas escolhas.

Assim, ao lançarmos mão do “Circuito da Cultura” como sustentáculo desse novo “protocolo”, escolhemos combinar diferentes técnicas de pesquisa social em comunicação, num estudo integrador a fim de tentar suprir, da maneira mais integral possível, a ausência de estudos com esse caráter dentro do campo da comunicação e do jornalismo. Dessa forma, entendemos esta proposta como uma diretriz a ser problematizada a cada nova pesquisa que vier a utilizá-la.



Referências bibliográficas

- BERGER, Christa. **Campos em confronto: a terra e o texto**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. **A história do fim** – uma política e um pensamento libertadores podem surgir do Leste. In: Folha de São Paulo – 04/02/1990, p. D-20.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Circuitos de cultura/ circuitos de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção**. In Comunicação Mídia e Consumo/ Escola Superior de Propaganda e Marketing. São Paulo: ESPM, Vol.4, N.11, P.115-135, Nov.2007.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Unesco, 2003.
- HOHLFELDT, Antonio; FRANÇA, Vera; MARTINO, Luiz. **Teorias da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- JOHNSON, Richard. **O que é, afinal, estudos culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2002.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In SOUZA, Mauro Wilton de (org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- MIRANDA, Luciano. **Pierre Bourdieu e o campo da comunicação**. Dissertação. Porto Alegre: UFRGS, 2000.
- ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1996.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**. Campinas: Pontes, 2001.
- STRELOW, Aline. **Análise Global de Periódicos Jornalísticos (AGPJ): uma proposta metodológica para o estudo do jornalismo impresso**. Tese. Porto Alegre: PUCRS, 2007.
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 2001.